



Simon vai com candidatura até o fim

Embora admita que são poucos aqueles que acreditam nas probabilidades da sua pretensão presidencial - "ninguém acredita na minha candidatura, acho que vou ter que registrá-la em cartório para que vejam que ela é para valer - o senador Pedro Simon (PMDB-RS) tem uma notícia inquietante para eventuais pretendentes à legenda do PMDB, e que derrama um balde de água gelada no debate sobre a repetição da aliança entre PMDB, PFL e PSDB que atualmente governa o País: "Meu nome será apresentado à convenção do partido e duvido que alguém de fora me derrote", desafia ele, referindo-se ao episódio de 1998 em que os convencionais do partido recusaram a candidatura de Itamar Franco para apoiar a reeleição do tucano Fernando Henrique Cardoso.

Neste caso, ele se refere a hipóteses como a da candidatura do governador do Rio, Anthony Garotinho, do PDT, que já abriu conversas de bastidores com lideranças do PMDB sobre a ideia de uma chapa com ele na cabeça. Simon admite que não disputaria a convenção, por exemplo, com Itamar Franco. Na última sexta-feira, aliás, ele teve um encontro em Belo Horizonte com o governador mineiro. Orador principal numa solenidade de condecorações da Assembleia Legislativa, com a presença de Itamar, Simon não se impressionou com as notícias publicadas em Minas Gerais dando conta de que Itamar encerrará carreira em 2002.

A impressão que ele ficou, diferentemente, de que Itamar é hoje mais candidato do que era

ontem. Se o governador mineiro disse o contrário e alguém anotou e publicou - avalia Simon -, que aprendeu a ler os sinais da política mineira com Tancredo Neves, é porque Itamar é mais candidato do que nunca. Na conversa, o governador expôs as razões pelas quais defende o rompimento com o Governo federal e que o PMDB renuncie aos cargos de todo tipo

que controla no governo Fernando Henrique. Ele sabe que não há ambiente político real nas altas esferas do PMDB para uma decisão de tamanha repercussão. O partido perderia centenas de posições influentes, inclusive três ministérios, que seriam transferidas para seus adversários. O que se tem visto no partido é o contrário: o esforço para manter esses cargos. Se persistir nessa trilha, acha Itamar, o partido perderá

competitividade para 2002.

A proposta do governador, porém, ajuda o discurso nacional dos dirigentes do PMDB a negociação caso a caso de tudo que o Governo precisa no Congresso e que dependa do quorum proporcionado pelo partido. A tática é da tradição do PMDB e de algum modo típica do estilo Itamar. Recorde-se que o ex-presidente manteve uma postura pessoal crítica em relação ao Governo federal durante todo o primeiro mandato de Fernando Henrique, mas não abriu mão dos cargos de embaixador para o qual o Presidente, a pedido do próprio Itamar, o nomeou em Portugal e para representar o Brasil junto à OEA. Itamar é um político com temperamento tal que, no governo, é capaz de exercer a oposição a si mesmo.

Quando diz que ninguém acredita na sua candidatura, Simon na verdade quer dizer que o seu nome não foi incluído nas pesquisas eleitorais e seus movimentos não são mais acompanhados pela mídia desde que se lançou. Ele revela, contudo, que tem recebido do PMDB todo tipo de oferta de infra-estrutura para sustentar uma pré-campanha. E explica que seu objetivo é lançar uma campanha de conteúdo ético e programático, que seja capaz de refletir a história do PMDB e a sua trajetória pessoal para empolgar o eleitorado.

O senador gaúcho anota também, como sinal positivo, o fato de que membros do colégio dirigente do partido, como seu presidente e líder da bancada no Senado, Jader Barbalho (PA), e o presidente da Câmara, Michel Temer (SP), lhe terem estimulado a continuar com a candidatura.

Eles dizem a Simon que tendo-o como candidato o PMDB tem elementos para realizar uma campanha eleitoral com êxito nas eleições gerais de 2002.

Simon reconhece que o quadro da sucessão presidencial só se definirá com alguma clareza depois das eleições municipais de outubro de 2000.

Ele concorda que esfriou o ambiente de antecipação da corrida presidencial, mas acha que a popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso não será recuperada a ponto de torná-lo um eleitor influente. Ao contrário do que esperam dirigentes do PSDB e do PFL, Simon diz que o Presidente continuará fraco e chegará ao pleito ainda mais desgastado. Em outros termos: ele tende a simpatizar com a tese itamarista favorável a que uma convenção nacional decida se o partido deve ou não continuar no governo.

E-mail: ariosto@agestado.com.br